

Uma proposta de análise das relações entre moda e política a partir da entrevista de Erika Hilton ao caderno *Ela d'O Globo*¹

Luiz Carlos Rodrigues FERNANDES²

Verônica Soares da COSTA³

Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG

RESUMO

O estudo examina como Erika Hilton, deputada federal pelo PSOL-SP, entrelaça moda e política para promover uma narrativa de identidade de gênero e ativismo. A partir de uma abordagem qualitativa e interseccional, o estudo analisa uma entrevista ao caderno *Ela d'O Globo* publicada por ocasião do Dia da Mulher. Erika revela suas pautas de inclusão e diversidade na entrevista, enquanto o editorial de moda traz contradições entre luxo e política. Conclui-se que seu discurso comunica ideais político-sociais, destacando opressões enfrentadas por certos grupos, enquanto a moda opera como uma camada dinâmica que ao mesmo tempo incluem e excluem a parlamentar

PALAVRAS-CHAVE

Moda; Política; Roleta interseccional; Erika Hilton: Ela d'O Globo.

INTRODUÇÃO

O presente estudo tem por objetivo analisar a intersecção entre moda e política na figura de Erika Hilton, deputada federal pelo PSOL-SP. Em sua atuação como parlamentar que pauta assuntos de cunho político e legislativo por meio de suas roupas, vestimentas, artefatos e performances no universo da moda e da beleza, Erika utiliza sua presença em revistas de moda para articular uma nova narrativa sobre identidade de gênero e ativismo político. Os sentidos que Erika atribui à moda em sua atuação parlamentar, bem como a forma como articula moda e política em espaços que vão além do Congresso, podem ser observados a partir das entrevistas concedidas às revistas de moda e como ela é retratada visualmente em editoriais e capas de revistas.

Propomos uma análise de uma entrevista concedida ao caderno *Ela, d' O Globo*, pelo Dia Internacional da Mulher, 8 de março, em que Erika fala dos problemas enfrentados por todas as mulheres e desafios da atuação parlamentar, ao mesmo tempo em que ilustra as páginas da entrevista posando para um editorial em que se destacam

¹ Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho Moda e Comunicação, evento integrante da programação do 27º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 30 de maio a 1º de junho de 2024.

² Jornalista, mestrando do Programa de Pós-graduação em Comunicação Social da PUC Minas. Membro do Grupo Bertha de Pesquisa. luizcarlos.fernandes305@gmail.com.

³ Professora da Faculdade de Comunicação e Artes (FCA) e do Programa de Pós-graduação em Comunicação Social (PPGCOM) da PUC Minas. Líder do Grupo Bertha de Pesquisa. veronicacosta@pucminas.br.

roupas e acessórios de grandes marcas de luxo e grifes internacionais. Ao examinar como Erika utiliza a moda como ferramenta de comunicação política e expressão de identidade, este trabalho contribui para uma compreensão mais ampla das interações entre moda e política sob as lentes da interseccionalidade, ferramenta metodológica que permite expor injustiças representacionais e discursivas, propondo ferramentas de equidade (Carrera, 2021).

METODOLOGIA

O presente estudo consiste em uma análise de caráter qualitativo da entrevista de Erika Hilton ao caderno *Ela d' O Globo*, sob as lentes da interseccionalidade, método que consiste em fazer visível o processo nocivo de fraturas nas identidades sociais, conforme Carrera (2021). A análise volta-se para a entrevista de Erika, com o intuito de tentar identificar como a deputada amplia seu discurso, discute pautas relacionadas à inclusão e diversidade através de elementos e linguagens da moda e como isso aparece na revista, mas também visa analisar o editorial de moda que acompanha a entrevista.

Collins (2021) propõe a interseccionalidade como ferramenta analítica que considera que as categorias gênero, raça, classe social, orientação sexual, etnia, entre outras são interconectadas e moldam-se mutuamente. Para Collins (2021) a interseccionalidade é uma forma de entender e explicar a complexidade do mundo, das pessoas e das experiências humanas. Também os estudos de Carrera (2021) constituem a interseccionalidade em um quadro metodológico, denominada “roleta interseccional”, admitindo que a observância das matrizes de opressão que atravessam os corpos e os sujeitos é fundamental para a compreensão dos efeitos comunicacionais por eles engendrados, propondo um olhar que vá além das diferenças que constituem os indivíduos direcionando esse olhar para como essas diferenças são estabelecidas (Carrera, 2021).

O filósofo Georg Simmel (2008) aborda as complexidades da moda definindo-a como um fenômeno social e cultural, fazendo do comportamento de cada indivíduo um simples exemplo, satisfazendo as necessidades de distinção. Ao imaginarmos editoriais de moda e capas de revistas, em especial as revistas femininas, é esperado um certo padrão de mulher que venha a ser representado, na maioria das vezes magra, branca, de traços finos que de certa atenda aos padrões de beleza já estabelecidos. No caso de Erika Hilton, estamos diante de uma mulher negra, transexual e parlamentar estampando a capa de uma revista nacional, em específico, o caderno *ela d'O Globo* no dia 8 de março, em

homenagem ao Dia Internacional da Mulher, fato que por si só já provoca um deslocamento dos padrões esperados para a data, especialmente na mídia comercial. Olhar para a entrevista de Erika com as lentes da interseccionalidade nos oferece oportunidade de observar como relações de poder, gênero e sexualidade se organizam em esferas de atores sociais como as revistas, ator esse que sempre está envolvido em jogos de poder disputas de sentidos (Carvalho, 2023).

PRINCIPAIS RESULTADOS

Sendo a primeira mulher transsexual a ocupar liderança da bancada do PSOL na Câmara dos Deputados, cargo a que chegou no ano de 2024, era de se esperar que a parlamentar aproveitasse da entrevista para tratar de aspectos da política no país. No entanto, Erika também aborda aspectos de sua infância, vida pessoal e a interação entre diferentes formas de opressão e discriminação que ela enfrenta como mulher negra, transexual e política. Erika fala sobre ambições políticas de forma difusa, tratando da dificuldade de atuar na Câmara, privilegiando destacar a luta conjunta entre mulheres, mas tomando as mulheres em um sentido universal. Como alerta Carrera (2021), a constituição do sujeito subalternizado, atravessado por diversas avenidas de opressão, nos faz entender que na mulheridade existem categorias, como raça, cor, identidade, entre outras, que não podem ser esquecidas na luta por direitos.

Com o cruzamento desses operadores, podem surgir novas formas de opressões fazendo com que surjam demandas específicas para cada categoria. Nas divisões de poderes, tanto das revistas, quanto na moda, não é comum vermos o foco em pessoas de pele preta e transsexuais em veículos midiáticos de moda, seja pela desumanização desses corpos ou pelas políticas de exclusão que os colocam em subcategorias o que, segundo Preciado (2020), são os corpos abjetos, corpos esses passíveis de violências. Vale ressaltar que o Brasil é o país que mais assassina transexuais no mundo pelo 14º ano consecutivo de acordo com relatório da ANTRA (Benevides, 2020). Erika, sendo uma mulher negra e transsexual, ao estampar capa e páginas de uma revista dominical da mídia empresarial, faz surgir fissuras nas quais os operadores de opressão são acionados, permitindo ou não que determinados corpos possam ocupar aquele espaço. A moda, em específico, por ser um fenômeno que atravessa todos na sociedade, segundo Simmel (2008), é um produto da divisão de classes. É interessante identificar como esses atravessamentos são pautados na figura de Erika, e como a moda dialoga ou não com suas pautas de trabalho. No editorial que acompanha a matéria, são apresentados diversos objetos e roupas que são

de alto valor aquisitivo e de grande exclusividade, a exemplos de colar e brincos *Swarovski* utilizados na capa da revista e as roupas de marcas de luxo que compõem o *style* de Erika. Ao olhar para esses atravessamentos com a lente interseccional, podemos identificar contradições nessa interseção entre moda e política na comunicação de Erika. Mesmo que a moda e seus elementos se façam presentes e sirvam de condutores na expressão de Erika na entrevista e na política, a escolha pelos trajes do editorial provoca deslocamentos tanto em relação ao que se espera do vestuário de uma parlamentar, quanto do eixo de classe que se vincula às pautas defendidas por Erika. Para Simmel, a moda, muitas vezes, pode agir como “um produto da divisão de classes e comportar-se como muitas outras configurações, sobretudo como a honra, cuja dupla função é formar um círculo social fechado e, ao mesmo tempo isolá-lo dos outros” (Simmel, 2008, p.25). Assim, entende-se que a moda e os artefatos presentes servem como um elemento de autenticidade e valorização da posição da deputada, colocando-a num local de destaque, podendo agir como um produto dualístico de união ou diferenciação ou até mesmo uma escolha de editoria proposta pela equipe da revista.

Ao olharmos para o conteúdo textual da entrevista, é possível observar que pautas como a de pessoas em situação de rua, meio ambiente, combate à fome e união entre as mulheres, são apresentadas. Pautas essas que se cruzam e fazem com que determinadas violências e opressões sejam ofertadas a determinado grupo. Em todos os temas, a deputada observa a mulher como figura central, já que são as mais afetadas, Erika ressalta a abrangência das opressões e desigualdades que afetam as mulheres como um todo, especialmente aquelas em situações de vulnerabilidade, como mães solteiras na periferia. Segundo a parlamentar, o feminino é plural, mas há um ponto em comum entre todas as mulheres, independente de classe ou gênero, a violência: “Todas as mulheres são afetadas pelo ódio, pelo não direito de ocupar espaços dignos. E isso é o que nos une. Devíamos ter a clareza disso e deixar as diferenças de lado” (Hilton, 2024).

Desse modo, ao olharmos para a entrevista com as lentes da interseccionalidade é possível observar dualismos entre o que aparece em texto e o que apresenta o editorial, fazendo com que mesmo que a moda presente seja um instrumento de inclusão de Erika neste universo, pode também ressaltar camadas de exclusão de classe e diferenciação pelo luxo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em virtude dos resultados aqui apresentados, conclui-se que ao estampar a capa uma edição de uma revista voltada para o público feminino em uma data tão importante como o Dia Internacional da Mulher, o 8 de março, falar sobre sua trajetória, desafios e discriminações enfrentadas enquanto mulher, Erika sinaliza para a diversidade de identidades existentes, e traz à tona problemas vividos por todas as mulheres, independente da identidade com que se identificam. No entanto, nos liames entre moda e políticas propostas, podemos observar certa distância entre as escolhas de objetos e artefatos da moda e as pautas propostas na matéria.

Para Simmel (2008), a maneira como a sociedade se expressa e se concebe está em contínua remodelação através da moda, que é composta por camadas superiores, camadas essas que Erika se propõe a aproximar a partir do editorial. Cabe notar, que não se trata de fazer um julgamento de valor em relação aos usos de marcas de luxo por uma parlamentar negra, travesti, transexual. O que se aponta aqui é que podemos considerar que as escolhas estéticas e de estilo de Erika Hilton conversam com a forma como ela quer ser vista, fazendo reverberar seus ideais políticos, identitários e sociais, ao mesmo tempo em que desloca estereótipos sobre o que se espera que uma parlamentar vista e como se comporte em um editorial de moda. Essa intersecção entre a moda e a política apresentada por Hilton influência na forma como a deputada exerce seu mandato e apresenta-se em revistas. Olhar para esse atravessamento entre políticas e moda sob a interseccionalidade nos oferece aparatos para compreender como a moda pode servir de condutora para revelar as opressões que sofrem determinados grupos, ao mesmo tempo que é também uma camada de inclusão de Erika em um universo tradicionalmente heteronormativo e cis-feminino.

REFERÊNCIAS

BENEVIDES, Bruna G.; NOGUEIRA, Sayonara Naider Bonfim. **Dossiê dos assassinatos contra travestis e transexuais brasileiras em 2019**. São Paulo: Expressão Popular, ANTRA, IBTE, 2020. Disponível em: <https://antrabrasil.files.wordpress.com/2020/01/dossic3aa-dos-assassinatos-e-da-violc3aancia-contra-pessoas-trans-em-2019.pdf>. Acesso em: 18 de abril. 2024.

CARVALHO, Carlos Alberto de. **O jornalismo, ator social, colonizado e colonizador**. Curitiba: CRV: 2023. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1A3YGMC3K8bhB2Hgs4n9oKjZKen73OqpW/view?pli=1https://drive.google.com/file/d/1A3YGMC3K8bhB2Hgs4n9oKjZKen73OqpW/view?pli=1>. Acesso em: 18 abr. 2024.

CARRERA, F. **Roleta interseccional**: proposta metodológica para análises em Comunicação. E Compós, [S. l.], v. 24, 2021. DOI:10.30962/ec.2198. Disponível em: <https://www.e>

compos.org.br/e-compos/article/view/2198. Acesso em: 18 abr. 2024.

COLLINS, P. H.; BILGES, S. O que é **Interseccionalidade**? IN: Interseccionalidade. São Paulo, 2021. p. 15-48.

Erika Hilton fala sobre namoro e fama: “Tentamos manter momentos de intimidade, mas não dura muito”. O Globo, 2024. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/ela/gente/noticia/2024/03/03/erika-hilton-fala-sobre-namoro-e-fama-tentamos-manter-momentos-de-intimidade-mas-nao-dura-muito.ghtml>. Acesso em: 17 de abril de 2024.

PRECIADO, Paul B. **Eu sou o monstro que vos fala**: Informe para uma academia de psicanalistas. Paris: Editora Grasset & Fasquelle, 2020.

SIMMEL, Georg. **Filosofia da Moda**. Lisboa: Edições Texto e Grafia, 2008.